

(IN)CERTEZAS DE VIDAS (IM)POSSÍVEIS

Bruno Mazolini de Barros – brunomazolini@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

RESUMO: Esta resenha visa apresentar a coletânea portuguesa *Uma terra prometida – Contos sobre refugiados*, organizada por José Fanha e composta por contos de: Afonso Cruz, Ana Margarida Carvalho, Carlos Vale Ferraz, Cristina Carvalho, Filomena Marona Beja, José Fanha, Miguel Real, Nuno Camarneiro e Sérgio Luís de Carvalho. Com tratamentos diversos, as narrativas abordam o tema do refugiado por meio de diferentes perspectivas e propostas estéticas.

PALAVRAS-CHAVE: Conto português contemporâneo; refugiados.

FANHA, José (Org.). **Uma terra prometida – Contos sobre refugiados**. Lisboa: Zero a Oito, 2016.

Lançada em 2016, a coletânea *Uma terra prometida – Contos sobre refugiados* aborda uma questão crítica para o Ocidente no início do século XXI, especialmente para a Europa. O tema do refugiado, já abordado pelo romance português contemporâneo – como vê-se em *Myra* (2008), de Maria Velho da Costa; em *o apocalipse dos trabalhadores* (2008), de Valter Hugo Mãe; ou em *O chão dos pardais* (2009), de Dulce Maria Cardoso –, aparece aqui em uma proposta editorial da Zero a Oito, que envolve outras seleções, como a *Sozinho na multidão – Contos sobre solidão* e *Os nossos filhos estão longe – Contos sobre saudade*.

Como em muitas antologias, a diversidade na escolha dos autores transparece não só na presença de nomes com maior circulação e apelo editorial, mas também no tipo de tratamento que o tema recebe em cada texto, em sua composição literária. A heterogeneidade das propostas é assim vista aqui como algo positivo, uma vez que propicia diferentes abordagens ao tópico. São refugiados econômicos, políticos e de guerra; são imigrantes legais ou ilegais; são contos com *background* histórico ou projeções de um futuro próximo; são mulheres e homens, crianças e adultos: personagens que têm que lidar com a perda da casa, do país, de uma forma de existir no mundo. São histórias de pessoas que, forçadamente, estão em busca de outro modo de viver que lhes é incerto ou que lhes escapa.

O primeiro conto da coleta, organizada em ordem alfabética por meio do nome dos autores, é “Déjeuner sur l’herb com alguém a afogar-se”, de Afonso Cruz. O texto apresenta personagens em um piquenique que estão mais absortas em suas questões circunstanciais – como o que comer ou beber naquele passeio – do que em sustentar a curiosidade, ou mesmo a preocupação em relação

aquele ser humano que parece tentar uma travessia de vida ou morte. A referência à pintura de Édouard Manet é oportuna para potencializar o distanciamento e a autoabsorção da família em seu conforto, em seu próprio mundo.

Na sequência, no conto “Melhor a ementa que o cianeto”, Ana Margarida Carvalho traz em seu título o trocadilho com a expressão popular que sintetiza a vida do suposto Saadi. A narrativa passa-se numa clínica de repouso para idosos refugiados, 50 anos após a chegada dos sírios na Europa. O tratamento irônico dado ao texto revela a limitação imposta à subjetividade e à história pessoal do refugiado mesmo quando há boas intenções na abordagem de sua condição de expatriado.

O terceiro texto da coletânea é “Eis a minha Pátria”, de Carlos Vale Ferraz, cujo protagonista é o histórico mercenário Jean Schramme, que morou inclusive no Brasil. O texto, narrado pela filha dele, recupera a saga do pai no processo de independência do Congo e as consequências das suas diferentes incursões pelo mundo na memória familiar. Além disso, é significativo o questionamento da própria narradora acerca de sua condição ou *status* de refugiada.

Já em “O meu prédio”, de Cristina Carvalho, uma adulta relembra o apartamento, a edificação, a vizinhança em uma zona de guerra, a constância dos escombros e a força da escuridão da noite. Sobrevivente da destruição e de uma fuga pelo mar, a memória que prevalece, de acordo com a própria narradora é, no entanto, a de um espaço aprazível e luminoso: a sua verdadeira terra natal.

O quinto conto da antologia é “Ilumbe”, de Filomena Marona Beja, narrado por Matuta, veterinário radicado em Portugal. Junto com a lembrança dos seus antepassados em África e sua passagem por Angola, vem a memória de um amor perdido com a viagem. É relevante destacar que a trama, mesmo que tangencialmente, toca na denúncia da exploração do continente africano e no racismo.

A sexta narrativa é “Outra luz”, do próprio organizador da coletânea, José Fanha. O conto traz uma perspectiva inusitada para a temática: a guerra colonial portuguesa em Angola e seus desertores. Na passagem por diversos países durante a fuga e encontrando diferentes pessoas, o conto expõe não só o estranhamento dos que recebem o imigrante português, mas também do imigrado em relação ao novo local, à nova cultura que encontra.

Em “Europa! Europa!”, de Miguel Real, a família em trânsito é confrontada não só com os riscos da fuga em si, mas também com as consequências de sua exposição ao longo dela. A filha do casal em busca de refúgio, fruto de um estupro que ocorre durante a longa viagem, pode ser tanto a danação quanto a salvação dos viajantes em um bote superlotado na tentativa de chegar à costa espanhola.

O oitavo conto, “Vinte e poucos anos”, de Nuno Camarneiro, traz a incursão de três jovens europeus – um português e dois irlandeses – na noite de Paris. Em poucas horas os turistas encontram com diversos imigrantes em situação de risco: latino-americanas envolvidas em prostituição, africanos ligados ao tráfico de drogas e moradores de ruas perseguidos por *skinheads*.

O último texto da coletânea, “Walter Benjamin não morreu em Portbou”, de Sérgio Luís de Carvalho, apresenta uma possível viagem do filósofo Walter Benjamin a Lisboa, onde ele procura uma comunidade judaica. O conto dá ao erudito uma nova possibilidade de vida, cerceada em Portbou, no interior da Espanha, depois de sua fuga dos nazistas.

As diversas narrativas de *Uma terra prometida – contos sobre refugiados* trazem assim diferentes propostas de temas relacionados aos refugiados, como a viagem (ou fuga), o luto e a sobrevivência. Como apontado, os textos vão desde a formulação de um futuro hipotético até reformulações de personagens históricas; de vidas de refugiados de guerra a desertores políticos; de sagas pela terra, pelo mar; de vidas que começam na Europa ou que terminam na América do Sul; de infâncias recuperadas a velhices limitadas.

Como em toda antologia ou qualquer seleção, há a impossibilidade da completude acerca de qualquer tópico, estética ou mesmo período histórico. Apesar disso, por ser uma obra portuguesa, é impossível, no entanto, não pontuar a ausência de um conflito significativo em terras lusitanas. Diferentemente dos romances citados acima, os contos não tratam de modo pungente os desafios e confrontos enfrentados por refugiados, por exemplo, também em Portugal.

Title

(Un)Certainty of (Im)possible Lives

Abstract

This review aims to present the Portuguese selection *Uma terra prometida – Contos sobre refugiados*. It's organized by José Fanha and composed of short stories by: Afonso Cruz, Ana Margarida Carvalho, Carlos Vale Ferraz, Cristina Carvalho, Filomena Marona Beja, José Fanha, Miguel Real, Nuno Camarneiro and Sérgio Luís de Carvalho. With different approaches, the narratives present the refugee theme through different perspectives and aesthetic proposals.

Keywords

Portuguese contemporary short story; refugees.

Recebido em: 06/05/2018.

Aceito em: 03/07/2018.